

PALAVRAS DO ACADÊMICO
MARCOS LAFFIN
AO ASSUMIR A CADEIRA Nº 9
DA ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS

FLORIANOPOLIS 10 DE MARÇO DE 2022

Senhor Presidente, Acadêmico Moacir Pereira, e em seu nome cumprimento aos demais componentes da Mesa e Acadêmicos.

Boa Noite a todas as pessoas presentes neste evento da Academia Catarinense de Letras, que da Casa José Boiteux a esta Sala Gilberto Gerlach, também, nos leva até as pessoas que nos acompanham pelo canal do Youtube. Sejam bem-vindos.

Estou imensamente feliz. Sei que ao lado deste contentamento circunda um conjunto de ações e atitudes que ampliam a qualificação de compor tão renomada Academia, manifestando a alegria do eu menino. Este, eu menino, que solta a pipa contra o vento e a faz navegar contra e a favor de um elemento indomável: os ventos do imaginário.

Neste discurso de posse, elenco três tópicos: 1 - Arredores que me cercam / Hierarquia dos Homens que me precederam. 2 - Dos caminhos percorridos, breve relato dos Livros que constituem palavras abrigadas e apreendidas nos poemas que publiquei. 3 – Sobre a Academia Catarinense de Letras, seus desígnios culturais e políticos.

1 - ARREDORES QUE ME CERCAM.

Destaco o nome de **Feliciano Nunes Pires**, Patrono da Cadeira 9 da ACL, como expressivo defensor da causa literária. Suas intervenções laborais no tempo e no contexto de sua vida terrena pautaram e legitimaram seus feitos nesta entidade, local de referência artística e cultural. Nasceu nesta antiga Desterro, em 29/12/1785, falecendo em 2/9/1860, com 75 anos, no Rio de Janeiro. Além das atividades político-administrativas destacadas, ressalta-se a participação no desenvolvimento e na defesa das Províncias de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Advogado e professor, deixou seu legado visionário que cultivava o saber e a cultura, como caminho de desenvolvimento do homem e de sua terra. Voltar ao contexto do tempo em que ele viveu exige o

deslocamento de todas as tecnologias e das facilidades que o mundo atual apresenta como sedução, como possibilidade, mas, sobretudo, como mecanismo de distanciamento da vida presente. O tempo de Feliciano Nunes Pires foi um outro tempo de escassez. Nele, livros, escritas, conversas e reuniões tangenciavam uma perspectiva da vida, que exigia sonhar para realizar. O sonho era colocar em ação o que o pensamento elaborava como bem público, como melhoria das condições de vida. Todo homem que guarda a memória do seu tempo, guarda também um revés de alteridades. E esse foi o sonho propulsor de suas realizações. Estar aqui, sob o manto daquele que defendeu ideias, estratégias, política, arte e cultura, reclama o reconhecer dos feitos em tempo de exigências e isso nos incumbe de viver, no tempo presente, os desafios para assinalar contribuições e ideais de coletivo.

A partir desse legado, toma posse na Cadeira 9 **Anfilóquio de Carvalho Gonçalves**, primeiro ocupante, portanto o seu Fundador. Reconhecido como intelectual das letras, também em seu tempo histórico. Nasceu em 9/6/1880 em Desterro, hoje Florianópolis. Faleceu em 31/8/1937 em Florianópolis, com 57 anos. Anfilóquio foi professor e funcionário dos Correios. Incessante colaborador em jornais da época e correspondente entre entidades literárias. Aceito na Academia Catarinense de Letras em 26/2/1924, e recebido por José Arthur Boiteux, que o reconheceu como homem entusiasta, na defesa e na divulgação dos feitos históricos de colegas e da terra em que habitava, sobretudo dos valores intelectuais que, com modéstia, intercambiava entre literatos. Anfilóquio de Carvalho Gonçalves viveu conflitos econômicos e emocionais. Viveu seu tempo e também as privações com a distância familiar, imposta pela avareza de políticas que não aceitavam opiniões e ideias diferentes. O que marcou sua presença na ACL se ateve ao homem perseverante no reconhecimento da cultura e das letras. Obteve reconhecimento do público catarinense para outros estados, no registro de vários homens de letras de Santa Catarina, assim como nos apontamentos da Academia de Letras do Rio de Janeiro. Anfilóquio de Carvalho Gonçalves compreendeu, em essência, o grande movimento que constitui uma Academia de Letras, a projeção daqueles que ousaram manifestar ideias em letras e ciência. Por trás dos registros dessa generosidade, encontramos numa releitura de suas ações, não apenas o registro de solidariedade intelectual, mas sim o ideal de um homem que desejou projetar a Academia Catarinense de Letras, no universo da cultura brasileira.

O segundo ocupante da Cadeira 9, **Ivens Bastos de Araújo**, nasceu em 1903 em Manaus e faleceu em 1967 em Petrópolis, no Rio de Janeiro, com 64 anos. Residindo em Santa Catarina a partir dos anos 1930, exerceu funções de Promotor Público em Laguna e Tijucas. Também foi Secretário de Estado da Segurança Pública, Secretário de Estado do Interior Justiça, Educação e Saúde. Homem de letras e intelectual, profissional na área do Direito, deixou várias contribuições ao Boletim do Conselho Federal da Ordem dos Advogados, bem como nos Anais da assembleia constituinte, de 1935. Ivens Bastos de Araújo contribuiu na construção das ideias de um arcabouço jurídico, para os procedimentos de ordem político-administrativa na esfera da administração pública, num contexto de severidades entre o convencional e as alteridades. Em 27/12/1938, foi eleito para ocupar a cadeira 9 da ACL. Um dos legados que formam seus ideais, está contido no discurso “Pelo Brasil Infinito e Eterno”, de 7/9/1938, cujo conteúdo desvela seu patriotismo formatado nos cargos e funções públicas, por meio dos quais afirma: “Saibamos renunciar aos prejuízos ideológicos, às velhas ideias, desajustadas na construção do mundo novo, que já se esboça, sem, entretanto, nos enredarmos no labirinto das paixões do espírito político, que transviam e retrocedem os povos.” Homem de letras e de política, assinalou há mais de 80 anos, que as paixões políticas sem a resposta efetiva ao coletivo dos catarinenses seriam apenas uma couraça de ideologias.

O terceiro ocupante da Cadeira 9, **Martinho José Calado Júnior**, nasceu em 1900 e faleceu em 1979, na cidade Florianópolis, com 79 anos. Jornalista, chefe, redator e diretor de redação. Exímio defensor do trabalho da imprensa criando, em 1932, a Casa do Pequeno Jornaleiro. Em 1953, fundou a Associação Catarinense de Imprensa, entidade que se transformou em Sindicato dos Jornalistas, sendo Martinho Jose Callado Junior, seu primeiro presidente. Em 1962, ocupou-se também da obra e da vida de Cruz e Sousa, num registro de seus versos e dos desafios que enfrentou em vida. Defluímos de suas ações sociais, um homem preocupado com a democracia. Visão de que o jornalista e a imprensa ocupam lugar de centralidade na sociedade, senão para a contestação e denúncia, mas também para a promoção da igualdade entre os menos favorecidos. Tomou posse na ACL em 24/11/1970. Uma das marcas de sua vida social está no registro de sua trajetória, ações de divergência com os privilégios, defendendo a necessária formação de professores, e dos profissionais de assistência médica para as áreas rurais do Brasil. Combativo ao defender os princípios éticos do cristianismo católico, questionava sempre:

“Que seria de nós, se os instantes passados e os instantes presentes morressem estanques e sáfaros, desencadeados dos instantes do porvir?”

O quarto ocupante da Cadeira 9 foi **João Nicolau Carvalho**, que nasceu em 1943 na cidade de Jaguaruna, falecendo em 22 de março de 2021 em Brusque, aos 78 anos de idade. Advogado, jornalista e professor. Reitor da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (UDESC), entre 1976 e 1979. Como reitor, possibilitou a ampliação dos campi de Joinville e Lages, assim como implementou ações de assistência estudantil, com ênfase em bolsas de estudos e de trabalho. Publicou pesquisas, ensaios, contos e crônicas. João Nicolau Carvalho tomou posse na ACL, em 18/6/1982, tendo destaque literário com o livro de contos, *Rasga-Mortalha*, de 1982. Recebeu da crítica, comentários de que seus contos apresentavam acurada elaboração artística, e que para além de uma conotação de contos regionais, seus versos eram como fotografias, palavra como síntese, com rigoroso controle da linguagem e da história.

Senhores e Senhoras, esses recortes de ações e de ideais, recolhidos na coleção de livros e revistas, como também nos arquivos da Academia Catarinense de Letras, permitem enfatizar o despojar desses homens voltados ao bem comum, permanecendo como memória de ações e potencial de humanidade. Homens próximos ao mapa da arte, das letras, da cultura, itinerários em aberto para incluir pessoas de bem querer, sonhadores de um porvir mais liberto e democrático.

O segundo item deste discurso apresenta Marcos Laffin, quinto ocupante da Cadeira 9 da ACL: CAMINHOS PERCORRIDOS.

Tenho dentro de mim a eternidade de meus pais. Deles, vieram todas as células do meu organismo e, junto, toda a memória dos meus ancestrais. Sou o que foram os meus antepassados e assim componho melhor o meu destino. A eles me curvo em honra por tornar meu caminho mais leve e imensa Gratidão a toda a vida que me precedeu. É preciso dizer que o caminho mais leve para esse poeta, foi cerzido pelos antepassados em todas as suas formas de arte e de ofícios. Desde um tio-avô alfaiate, que exibia na rudeza do tecido o corte elegante de pessoas com vida e sem vida.

Meu nono italiano guiava seu trole como carro de praça, com a beleza dos cavalos que desfilavam em direção a cada endereço e, até mesmo, aos perdidos na digestão das madrugadas. Trago a poesia do meu pai tropeiro que negociava

cavalos e juntas de boi por estradas de chão batido, deste Estado de Santa Catarina, e depois de tanto negociar, tornou-se empreendedor de seus próprios inventos. Lembro de uma infância em que meu Opa alemão, que era coveiro, abria e fechava covas com respeito e cuidado, guardando histórias de vidas, dívidas e resmungos de seus mortos.

Minha mãe era bordadeira, preparava o enxoval para o sonho de casamento das moças da cidade. Também era costureira, fazia arte em corpos pouco ajeitados, mas com um laço ou um cinto bem engomado a roupa dava forma e elegância ao subjetivo de cada cliente. Dela veio a imposição: te quero padre e para isso precisas estudar. Penso que cumpri a segunda parte, estudar, pois, para ser padre, precisaria ignorar as desconfianças que arregimentavam entre os discursos e as ações vividas em seminários e mosteiros. Que Deus os tenha!

Com o sorriso sisudo de minha tia aprendi a ouvir e a manusear o rádio. Ouvir músicas e tentar descobrir com o imaginário como aquelas vozes, de dentro de uma caixa de válvulas, espalhavam alegrias na horta, nos canteiros e no moedor de milho. Das minhas avós e tias, vivenciei a mesa com fartura, banquete com todas as especiarias. O leite ordenhado no instante da feitura dos bolos, para guardar o sabor e a maciez. Roupas e todo o enxoval quarados no sol forte. Casas alinhadas pelo escovão, pelo brilho e as lembranças das brincadeiras no pasto com animais, viveiros e plantas. Todos esses eventos, vividos sem a percepção da poesia, mas com o encanto do acolhimento, permanecem a remoer as memórias de um menino que pôde ser criança e viver seus sonhos em terras bugras e desertas, mas com a autorização para ser feliz.

Como esquecer esses antepassados? Honro a cada um quando uma memória, um fazer, um cheiro, uma expressão me avisa de sua presença. Por isso minha gratidão a todos que tornaram meu caminho mais leve. Com essa família de origem construí a minha família atual.

Sobre a alegria de estar neste dia, neste momento, ingressando na mais histórica e fraterna academia de letras de Santa Catarina, trago junto a essa conquista Maria Hermínia, companheira de 40 anos de vida, de sonhos, de percursos e que, junto do tempo, esse ente que tudo movimenta, ser o detentor de continuidades, pois que o tempo é sempre feito do conteúdo inesperado feito dia de amanhã.

Também trago junto minhas filhas Adriana e Nathália, e meu filho Gustavo e a neta Alice, e daqui a pouco também o João Guilherme, os quais formam e

conjugam o porto seguro de sensibilidade para vida prosseguir na face do fundamento universal que chamamos de família. Rodrigo, Guilherme e Vanessa que trazem de suas famílias, extensão de nova família. Por tudo isso, canto a felicidade de ser um homem amado. No livro **Estivador**, de 1991, trago um pouco destas memórias ao escrever em versos: ...bordei ramos no lençol do tempo / Tua voz ventou dentro de mim.

Agora, nesta noite, longe de uma infância, de uma adolescência e depois de uma juventude de resistências ao convencional, chego à expressão de um desejo latente. Dada a minha incompletude, ainda alimento muitas inconveniências. Contudo, desenhei alguns caminhos que fiz cumprir como destino. É preciso dizer que integrar a Academia Catarinense de Letras é um desejo que se tornou realidade. Portanto, o produto de um planejamento que teve início na escrita, concretizou-se em publicações, fez ressonância nos leitores e, hoje, aportou na Academia Catarinense de Letras.

Tudo iniciou no final dos anos 80, em inscrição de concurso de poesias da Biblioteca Rolf Colin, na cidade de Joinville. De lá trago as referências da poeta Mila Ramos, da poeta Dúnia Anjos de Freitas, do radialista José Ely Francisco e do amigo Harry Laus. Dúnia dizia: seu texto tem potencial, é preciso deixá-lo feito lua cheia. Ainda hoje busco decifrar os mistérios dessas luas. Mila falava: cortar o próprio texto é a parte mais doída, mas se existe poesia no texto, é no que fica que ela tende a aparecer. Aprendi a escrever, reescrever, reescrever, queimar e depois voltar a escrever novamente. Harry Laus expressava: que virasse o poema de pernas para cima e observasse se ele teria condições de voar. Estou tentando, ainda hoje, aprender a voar com as mãos nos trilhos dos muitos universos. José Ely Francisco declamava tudo isso no seu Programa da Rádio Cultura: Show das Dez em Tempo de Poesia, e anunciava: amanhã lerei mais. A todos faço sempre minhas romarias de gratidão.

No início dos anos 90, participei ativamente em grupos de leitores. Eram encontros, discussões, leituras, análises. Um curso de reconhecer os delírios, como possibilidade de construir a palavra a ser dita. Teve importância a Feira do Livro em Porto Alegre, do Encontro de Poetas em Nova Prata e nisso tudo a presença de Odete Lara, Mário Quintana e Olga Savary. Fascinante tocar as mãos deles como se fosse possível “osmosear” suas ideias, o sentido de suas palavras. São sementes cultivadas de leituras e de aprendizagem.

Depois, veio Eunaldo Verdi com a Poesia na Praça e o Varal literário de Alcides Buss. Joinville, cidade florida, ficava falante e declamada aos sábados.

Referencio o Encontro Nacional do Proler, que este ano completará sua 28ª edição, conjuntamente com sua idealizadora Taiza Mara Rauen Moraes. Participei desde o seu início, e até entre as lacunas de onde o nômade me permitiu ficar, estou presente. Eram participações de ouvir, de dizer e de redizer, de calar, de refletir e de escrever. Havia muito mais a ser conhecido, apurado, apreendido. Após, surgiram Grupos de Poesia: o Viva a Poesia, o Poemarte, o Zaragata e mais tarde a Associação de Escritores Associação das Letras de Joinville. Participei ativamente dos Saraus, declamações, dos Projetos Poesia em Trânsito, Pão com Poesia e os abraços dos poetas desejosos de superar Leminski.

Essa era a expectativa da síntese. Disso tudo fui aprendendo o que Manoel de Barros ensinou, quando disse ser o escovar das palavras. Em grupos de poetas se organizavam as divulgações: assim, publiquei **Seis Partes de Dois** (1986), **Seis Marés de Água Viva** (1991), **Seis Luas de Solstício** (1986), bem como diversas sanfonas temáticas e coletivas das Edições Ipê.

Em 1991, ganhei de Mila Ramos um editor para o livro **Estivador**, cujos poemas versavam sobre a infância e a descoberta do amor. Depois, era o tempo de abrir caminho na profissão. A poesia, mesmo em frequentes conversas com Rita de Cássia Alves e Apolônia Gastaldi, e todos os acima mencionados e outros distanciados, precisou adormecer e esperar seu ressignificar. O poeta precisava trabalhar com recorrência, ganhar a vida: a escrita buscou seu tempo de recolhimento.

Em 2009, por influência de Lauro Junkes, submeti à Editora da UFSC o livro **Tempo dentro do Tempo**, que foi publicado e recebeu o prêmio de mérito da poesia catarinense. Nesta obra, poemas são atravessados pelas variantes do conceito inverso da loucura, tão bem ensinado pela psiquiatra Nise Silveira. No poema intitulado Subterrâneos, trago indícios do tempo e da ausência do tempo: ...coloquei a vida entre parênteses / cavei subterrâneos em mim / no destilar de sentimentos /desejos inquietos saíram a passear / fiz-me manancial (p.27). No poema Girassol, busco a paragem do destino: O girassol olhou o mundo dentro dos olhos do sol / no entardecer curvou o olhar e refletiu o mundo dentro de si (p. 52).

Em 2012, publiquei **Muralhas de Lã**. A história remete ao ano de 1996, quando assisti a uma peça de teatro chamada Mulheres Depois dos 40, assistindo-a mais de três vezes. Queria entender como o discurso feminino falava, sem censura, das coisas do feminino. Então, me perguntei: como falar dos homens

depois dos 40 e de seus cotidianos? Neste contexto o tema da sexualidade masculina confrontou répteis, padres, aves e homens que, na sua mais sensível consciência, faziam uma roda de conversas entre si. No poema O Cavalo, há uma sentença: ... ninguém ouviu de mim das paredes que rompi. O pescador responde: nem paredes eu tenho. Enquanto o padre diz fazer novenas, ele carrega um dilúvio no rosto e finge seus infinitos, mas nada mais triste e real quando o abutre declama que aprendeu sua solidão por ser feio, e é feio porque não aprendeu a amar. Neste diálogo de homens, reafirmo o que Clarice Lispector disse: Eu sabia quem era eu e quem eram os outros.

O **Corpo das Hortênsias**, de 2014, é um diálogo sobre Joinville e algumas personagens emblemáticas: A Rosa do Pé Inchado, A Mulher de Turbante Rubi e a política silenciosa dos esquecimentos de Joinville. Esse livro surge das correspondências de mais de 30 anos, com a poeta Rita de Cassia Alves. Nos poemas eu pergunto, ela responde. Depois, o inverso. Assim, ruas da cidade vão percorrendo labirintos de histórias oficiais, reais, orais contadas pela herança colonizada e colonizadora.

Em 2017, o livro **Cio de Pássaros** vai dialogar com Manoel de Barros, Adélia Prado e Mia Couto. Em suas partes de troncos, esgrima e assobios migratórios irrompe para salientar, que há um cavalgar de palavras na alma, colocando em movimento o religioso e o profano do corpo, quando uma revoada de pássaros fertiliza a solidão. Em Cio de Pássaros, a escrita se debruça sobre um corpo de carne e osso, um corpo social e um corpo de memórias, desde um barco azul que carrega homens negros e por fim vai exclamar que está desabitado: ... a única presença naquele quarto era o silêncio do porta-retratos.

Recentemente, publiquei dois ensaios: um sobre a memória e o esquecimento. Enfatizei: ...quem escreve arquiva o seu nome na memória social, numa cruzada de conceitos, preconceitos, fatos e histórias trocadas, de uma Joinville que precisa ser lida em uma outra realidade histórica.

No Ensaio Poesia, Humano, Palavra, busco “escovar” a palavra como uma ação do porvir, da poesia do acontecimento, dos não-lugares. Os diferentes sentidos e significados das palavras são buscados no sentido de dizer: o humano deseja ser poesia e como não consegue ser, inventa a palavra para fazer-se poesia.

No terceiro item, A ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS – Desígnios Culturais e Políticos, é preciso destacar: a ACL é centenária. Atravessou o tempo pelo desejo e pelas ações de seus integrantes. É uma entidade cultural porque

ampliou e registrou as criações e as intervenções em busca de humanização e equidade do povo catarinense. É política porque comunica, manifesta ideias e ideais e nisso constitui um corpo de participação social. Na leitura da escrita e das ações dos homens que me precederam à cadeira 9 fui perguntar: O que pode ser uma Academia Catarinense de Letras? Extraí, com minha percepção, a subjetividade que arregimentou a imortalidade de suas realizações. Dito de outra forma: o que poderiam ter desejado ao terem se debruçado sobre a arte, a cultura, a comunicação, a imprensa, as leis e a generosidade para com os outros? Viveram movimentos e atribuições da Academia, que são muitas, diversas e complexas. Sobretudo, são aquelas inscritas em seu estatuto, em seu regimento, não como ordenamento prescritivo, mas como fundamento daquilo que a constitui: defensora da arte e da cultura, um gesto de ação sensível em direção ao outro, num caminhar de humanização.

Decorrente desse processo, vou refletir sobre uma das atribuições que, em minha percepção, enseja ser um fundamento da Academia Catarinense de Letras: a sensibilidade em defesa e construção da cultura.

Para Geraldi¹, o mundo humano se dissolve sem o humano-sensível. Para mim, um dos princípios da Academia de Letras, ou seja, um de seus baluartes é a defesa incessante em todas as dimensões e em todas as manifestações da sensibilidade. É ela estar sensível ao mundo que a constitui. Sensibilidade para além daquilo que se refere pela percepção e pela sensação. É um movimento em direção ao agir, às ações. Todo procedimento tem o endereço para o outro, para o coletivo. Como construção humana, ela tem vários significados e destinos. Isto quer dizer que é uma construção na consciência das pessoas, e para a Academia é um princípio inalienável. Aprendemos a ser sensíveis com as alteridades, com as diferenças, com o desconhecido, com o porvir.

A sensibilidade não reside apenas no momento presente, naquilo que vivemos no aqui e no marcado das horas, mas ela constrói as possibilidades para o ainda não existente, não acontecido os não lugares. Por que é necessário ter como princípio do agir, o fundamento do ser sensível, da sensibilidade com a cultura? Porque o humano é um ser de sensibilidade, todas as ações humanas são construtos de nossa natureza e condição. Ver, sentir e conhecer a si próprio é um comportamento de percepção, de sensação em busca do agir no

¹ Geraldi, J.W. A literatura e a esclerose da Sensibilidade. www.blogdogeraldi.com.br Texto elaborado para conferência no Clirsertão – 4ª. Congresso Internacional do Livro, da Leitura e da Literatura no Sertão, Universidade de Pernambuco, Petrolina, 7 a 11 de maio de 2018.

conhecimento. Acontece que, como já disse Edgar Morin², não estamos sozinhos neste universo. A percepção sensível de mim é por decorrência da construção do ser sensível do outro e com o outro. No mundo atual, a sensibilidade para com o outro é mais facilmente encontrada no lugar de comportamentos arquivados, como não usual, como comportamento de fragilidade, e não como o de encontrar no universo humano o seu porto seguro de apego e confiança. A sensibilidade como uma extensão do comportamento está refletida no espelho das ações humanas, manifesta uma concepção do eu-sujeito, dos outros sujeitos e de seus lugares no mundo.

Então me pergunto: qual sensibilidade se projeta como demanda da Academia Catarinense de Letras? O mundo transformado pelo próprio humano ficou apressado. O avanço nas ciências, a invenção das tecnologias gerou sua polaridade. Tudo é instantâneo, apressado, imensurável e fugaz. As relações, como afirmou Bauman³, ficam “líquidas” e se dissolvem em sumidouros. Ações e atitudes são apressadas e pasteurizadas e, além de perder nossa identidade genuína, perdemos a capacidade de coexistir nas experiências do outro e com o outro. Uma Academia de Letras que junta suas ações de imortalidade, precisa estar bem viva para cumprir seus propósitos de arte, cultura, literatura e humanidade. Olhar apenas para uma direção é sempre um olhar apressado e excludente, ao contrário, podemos ser um círculo aberto de sensibilidades, que envolve todas as alteridades. A humanidade, e nela cada um de nós, precisa estar de olhos abertos para a sensibilidade dos valores que movem o mundo. Uma obra de arte que pretende ser imortal, ela comunga e caminha com um coletivo de realidades e transforma os desejos em condições de humanidade e assim se faz memória, ao contrário, será um esquecimento. Esquecer é uma das virtudes do mundo instantâneo e líquido.

Tenciono a afirmar que a Academia Catarinense de Letras está ciente das diferenças e desigualdades do mundo. Creio que, sendo ela um núcleo de sujeitos sensíveis, cuja finalidade é abstrair do real para incluir o ainda não acontecido, ela é sensível as ações de liberdade. E como em meu tempo arregimentar os ideais daqueles que me precederam? Sozinho, eu não sei. O que sei é o que eu sinto e, o que eu sinto é uma solidão imensa de mãos, mãos carregadas de outras que não se enganam solitárias, mas produzem mais caminhos.

² MORIN, Edgar. Amor Poesia Sabedoria. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

³ BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

A sensibilidade vai além do sentir o outro, esse ente tangível e intangível, é preciso diante do simples, da vida cotidiana, como disse HEIDEGGER (2001)⁴, “espantar-se diante do simples e assumir esse espanto como morada”. Esse espantar-se para morar no outro é o mais puro comportamento do ser sensível, que do complexo se desvela em vida simples, e desse modo constrói uma razão. Somente consigo sentir-me sensível conjugado no outro e no coletivo. Na individualidade, sou um trem que soa seu apito, não reconhecendo nos cruzamentos as possibilidades da vida. Cego, atropelo; furioso, mato. Nesse mundo que se apresenta como líquido, talvez o artista, o escritor, como trabalhador, seja massificado, sendo forjado a abandonar seu lugar, perdendo sua humana sensibilidade.

Reafirmo que a Academia Catarinense de Letras constitui lugar da sensibilidade. Imortalidade evocando coletivo de memórias. Que a sensibilidade me permita, ao menos, identificar o contingente de expropriados transbordando dos espaços marginais, se afogando e dormindo na porta das catedrais e das academias. O que sabemos e não agimos está na fome, na violação do corpo que eterniza cicatrizes, nisso a individualidade é forma perversa do totalitarismo.

Estar na Academia Catarinense de Letras se faz da construção de ser igual. Decisão política entendida como liberdade de agir, ou na interpretação de Agnes Heller⁵: para construção de uma outra compreensão de mundo e do humano. E assim, sermos catarinenses, aqui nascidos, ou dos imigrantes que se fizeram barriga-verde, viemos de diferentes contextos trabalhados, forjados na enxada, na lavoura, nas bibliotecas, nas viagens pelo mundo da imaginação. Somos mortais em nosso cotidiano. Nenhuma identidade é pedra fechada em si mesma, precisa da crosta de poeiras lunares para se fazer terrena, grande e caridosa. Essa migração de identidades humanas somente é possível no tempo de sensibilidade para acolhimentos.

Nunca é tarde depois do ontem. Olhar para a janela das construções da cidade, janelas desta casa de José Boiteux, é espiar decisões que escorrem e proliferam em manifestações socioculturais. Entre o ser a academia e o pensar ser a academia, não poderemos nos perder em sermos uma “sociedade líquida”, uma vez que a esperança das janelas alheias espera que sejamos uma cidade

⁴ HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

⁵ HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

de sensibilidades. É preciso que saibamos guardar a memória, não para escondê-la, mas para exibi-la para quem ainda não a conhece.

É assim que, para compreender o mundo que habito, necessito aprender a Palavra sempre carregada de vida, ou como disse Guimarães Rosa⁶: “a linguagem e a vida são uma coisa só”. Espero, nesta ACL com a companhia de cada um de seus acadêmicos e acadêmicas, sejamos espelhos refletindo - a cultura da terra nossa de cada dia.

E para finalizar, faço um registro frente aos momentos de extrema demência que o mundo assiste, vive e não reage, na Guerra provocada pela Rússia. Anunciar e promover uma guerra é uma ação de perda da humanidade que nos faz indagar: Qual vida tem valor? Que ação precisamos realizar além da resistência? Sabemos que a palavra constrói o diálogo, mas o diálogo dessa guerra está submisso a dependência econômica. Não há democracia e nem civilização quando o outro é arrancado de sua terra e por ela é assassinado. O diálogo que o mundo econômico compreende é o diálogo mediado pela moeda como mercadoria. Nenhuma moeda, nenhum *rubro* terá descanso e valor. O mundo, as nações e os organismos internacionais estão em esclerose da sensibilidade. E nós, ao silenciarmos no absurdo da guerra, também morreremos.

⁶ LORENZ, Günter W. *Diálogo com Guimarães Rosa*. In: **COUTINHO**, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 62-97.